

Agressividade na infância: análise psicanalítica¹

Patrícia Pereira Pietro*
Fernanda Pires Jaeger**

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar como a agressividade infantil vem sendo compreendida a partir da perspectiva psicanalítica. Embasado na metodologia da pesquisa bibliográfica, salienta que agressividade infantil pode ser manifestada em diferentes fases do desenvolvimento da criança e de várias maneiras. O trabalho aborda as concepções de agressividade para os autores psicanalíticos, a agressividade como sintoma, a agressividade como constitutiva do desenvolvimento infantil e sua articulação com o ambiente educacional. Ser agressivo é, muitas vezes, não aceitar aquilo que lhe está sendo imposto. O acolhimento parece um bom caminho para se chegar às crianças agressivas, a fim de entender o que elas demandam, à família ou à escola, mas que lhe é particular e tem relação com todos que a cercam. É também importante que pais e professores vejam a agressividade como algo positivo no desenvolvimento da criança, de forma que ela possa ser transformada e aproveitada na criança, na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Agressividade. Infância. Sintoma. Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é um Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação em Psicologia do Centro Universitário Franciscano (Unifra), na cidade de Santa Ma-

* Psicóloga, aluna do Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica: Escutas da Infância pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria (RS); Av. Getúlio Vargas, 331, Edifício Trevisan Center, Joaçaba, SC; psicologa@organizacoeslimger.com.br

** Professora orientadora do Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica: Escutas da Infância pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria (RS).

ria (RS), que possui como finalidade conceituar e estabelecer os determinantes da conduta agressiva na infância; um desafio para diversos autores de diferentes linhas teóricas que procuram explicar por que ela é fundamental para a própria sobrevivência humana e por que, muitas vezes, transforma-se em instrumento de destruição. Com esse intuito, este estudo tem como objetivo investigar como a agressividade infantil vem sendo compreendida a partir da perspectiva psicanalítica, visto que a agressividade infantil pode ser manifestada em diferentes fases do desenvolvimento da criança e de várias maneiras.

O interesse por estudar esse tema surgiu de algumas inquietações que ocorreram durante a prática clínica em relação ao tema agressividade infantil. Assim, nasceu a curiosidade de saber como e por que as crianças são capazes de atitudes agressivas.

É comum perceber em meio aos professores constante insatisfação e incômodos causados por esses alunos, considerados agressivos. Não raro, são as queixas dos colegas e até mesmo dos pais destes diante das atitudes agressivas que determinadas crianças apresentam na escola.

A agressividade infantil pode ser manifestada em diferentes fases do desenvolvimento da criança e de várias maneiras. As suas manifestações podem ocorrer de forma psicopatológica ou manifestações de expressão considerada normal e sendo parte constitutiva do indivíduo. Manifesta-se, muitas vezes, por palavras ou gestos direta ou indiretamente agressivos.

Segundo Winnicott (1999), a agressividade, presente na natureza humana, ganhou maior importância na teoria psicanalítica, mediante os apontamentos de Melanie Klein, na década seguinte à Primeira Guerra Mundial, em um texto intitulado *A posição depressiva no desenvolvimento emocional*, em que se ampliou o trabalho já desenvolvido por Freud.

Klein (1975) refere que, à medida que o bebê se desenvolve, ele consegue organizar suas emoções e percepções, separando os objetos bons dos maus, por meio dos processos de divisão, projeção e introjeção, em que ele se sente confrontado com um “objeto ideal” que ele ama, tenta adquirir e preservar, buscando identificar-se com ele e, com um “objeto mau”, o qual ele percebe como uma ameaça a si, bem como em relação ao objeto ideal, em que ele passa a projetar seus impulsos agressivos.

Para isso, será evidenciada a pesquisa bibliográfica, a qual dará suporte teórico ao objetivo do proposto. Segundo Demo (1990), a pesquisa bibliográfica é o passo

inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação; quer dizer, após a escolha de um assunto, é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado.

Neste trabalho, serão abordados conceitos de alguns teóricos quanto à agressividade infantil, buscando-se, dessa forma, obter maior compreensão do termo agressividade infantil. Tentar-se-á, inclusive, mostrar o papel da agressividade no desenvolvimento da criança, desmistificando o negativismo da agressividade no ambiente escolar.

2 AS CONCEPÇÕES DE AGRESSIVIDADE PARA OS AUTORES PSICANALÍTICOS

Em relação às origens da agressividade, Winnicott (1982) afirma que esta se inicia antes do nascimento do bebê e está presente nos movimentos tônicos da criança, pois esses movimentos não são intencionais tampouco têm uma conotação de conduta agressiva. Esses movimentos auxiliam o bebê na descoberta de um mundo que não é o seu e, conseqüentemente, iniciam o estabelecimento de uma relação com o mundo externo. Portanto, a agressividade pode estar ligada a uma diferenciação do que é do eu do bebê e do que não é.

A agressividade, para Winnicott (1994), traz em si um movimento natural e que, em seus primórdios, é somente um movimento. Assim, o agitar de braços de um feto na barriga é somente um movimento que, por acaso, encontra a barriga ou seu limite, e não um soco; o mexer de pernas é somente um movimento instintual, e não um chute; não há intencionalidade.

Segundo Winnicott (1982), quando o lactente se encontra sob o domínio dos impulsos instintuais, isto é, quando busca o objeto e a satisfação do impulso amoroso primitivo, ele vive a experiência da devoração, uma devoração que visa à satisfação do impulso, e não a destruição do objeto. O impulso amoroso primário, um incitamento voraz que clama por relacionamentos, só é agressivo por acaso. A outra raiz da agressividade, Winnicott vai encontrá-la na motilidade, uma das manifestações de outro patrimônio herdado pouco variável, denominado por ele de potencial de força vital.

À motilidade do bebê se associa sua sensorialidade, uma espécie de erotismo muscular que difere do erotismo de zonas: enquanto o erotismo de zonas

exige, por sua qualidade instintual, uma ação específica para ser aplacado, a motilidade e os demais elementos da força vital não o exigem. Segundo Winnicott (1994, p. 98), o bebê não tem, inicialmente, um motivo claro para a ação; “[...] sua motilidade é sinônimo de espontaneidade, o que existe em toda criança é uma tendência para movimentar-se e obter alguma espécie de prazer muscular no movimento, lucrando com a experiência de mover-se e de dar de encontro com alguma coisa.”

Para Winnicott (2000), antes mesmo da ocorrência da integração da personalidade, já é possível encontrar a agressividade no bebê, na agitação decorrente da não satisfação de suas necessidades ou na própria mastigação dos mamilos com as gengivas, muito embora não se possa encontrar, no caso, o desejo de destruir, significando essa agressividade muito mais uma atividade na condição de função parcial. A organização futura dessas funções parciais, decorrente da integração da personalidade, é que poderá transformá-las, verdadeiramente em agressividade.

A agressividade, ao contrário da violência, inscreve-se no próprio processo de construção da subjetividade, uma vez que seu movimento ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito. Como aponta Vilhena (2002, p. 18):

O fato de ser constitutiva não significa, porém, a validade ou legitimidade de todos os seus movimentos. Este é um dos pontos essenciais em uma diferenciação nem sempre evidente. Enquanto a agressividade institui o outro em um lugar de autoridade e investido de certo valor, a violência promove a desqualificação deste valor, anulando este outro. Os vários textos de Freud sobre o narcisismo e os processos de identificação corroboraram este pensamento. No eixo da relação entre o sujeito e o outro, ao aumento do narcisismo parece corresponder à exacerbação da violência. Ainda segundo a autora, qualquer sinal de diferença.

Segundo Costa (1986), o caráter específico da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade. Não há, portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir.

Pode-se dizer que a agressividade opera, portanto, quando há reconhecimento pelo sujeito do objeto a quem endereça sua reivindicação agressiva. Segundo Souza (apud VILHENA, 2002), “[...] um ato agressivo, que pode ter muitas faces e disfarces, seria simultaneamente uma resistência do Eu tentando

marcar seus contornos identitários justamente quando o objeto (o outro) ameaça o seu lugar, mas também um pedido de reconhecimento e endereçamento de uma mensagem a esse outro.”

Assim, a partir da ideia de o ato agressivo ser um “[...] reconhecimento e endereçamento de uma mensagem [...]”, é possível que se faça uma aproximação deste com a tendência antissocial. Winnicott (1982) salienta que essa pode ser a expressão da esperança que algumas crianças ainda mantêm dentro de si, uma crença ou crédito da criança no meio, entendendo-se essa esperança como um movimento do meio em relação à criança, curando-a de sua deprivação.

Ao discorrer sobre a tendência antissocial, o autor demonstra que a agressividade está diretamente relacionada à resposta ambiental, podendo seguir dois caminhos: o desenvolvimento normal da capacidade de inquietude e o caminho patológico consistente na não capacidade para a inquietude e a formação do falso *self*, ligado à tendência antissocial (WINNICOTT, 1982).

Winnicott (1999), ao analisar a agressividade em *Agressão e suas raízes*, afirmou que, no âmago do ser humano, existe amor e ódio e que os bebês já os possuem com toda a intensidade. A criança pequena, inclusive, vive com mais intensidade o amor e o ódio do que os adultos. Eis a afirmação de Winnicott (1999, p. 94):

Parti do pressuposto, o qual tenho consciência de que nem todos consideram correto, de que todo o bem e o mal encontrados no mundo das relações humanas serão encontrados no âmago do ser humano. Levo esse pressuposto mais longe afirmando que no bebê existe amor e ódio com plena intensidade humana.

Dessa forma, as relações humanas estão impregnadas desses sentimentos. Contudo, essa constatação não seria suficiente para explicar a questão da agressividade. O que acontece, todavia, é que a agressividade, que seria a expressão do ódio, é negada; em geral, é atribuída a fatores externos, e não a internos. Para Winnicott (1999, p. 89), de todas as “[...] tendências humanas a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens.”

Vale ressaltar que a psicanálise examina o psiquismo desde as primeiras relações do bebê com sua mãe. Vilhena e Maia (2002) assinalam que cabe à fa-

mília dar suporte ao bebê para que este possa lidar com sua agressividade. Desse modo, os atos agressivos e delinquentes revelariam uma falha das funções materna e paterna na família, a qual, assim como a mãe no relacionamento primitivo com seu bebê, não conseguiria conter os impulsos agressivos do sujeito: “[...] a tendência antissocial, que seria normal até nos bons lares, está se transformando rapidamente em destrutividade, violência e delinquência.” (VILHENA; MAIA, 2002, p. 38).

Conforme Mielnik (1982, p. 148), agressividade infantil é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, utilização de toda paciência e boa vontade e compreensão mais profunda da criança.

Tudo indica que nos casos que ocorrem na sociedade há uma falha básica da família em seu papel contenedor dos impulsos agressivos.

Para Winnicott (1994), algumas crianças são mais predispostas a ver seus próprios impulsos agressivos na agressão de outras pessoas, podendo desenvolver-se de maneira bastante patológica, uma vez que, esgotados os sentimentos de perseguição, a criança pode passar a ficar sempre na expectativa de estar sendo perseguida; conseqüentemente, pode passar a se tornar agressiva, como forma de se autodefender dos ataques fantasiados.

Em relação às fantasias agressivas, deve-se compreender que a criança consegue representá-las simbolicamente mediante uma organização lúdica que representa uma área intermediária, onde ela vivencia essas fantasias, sem ser sentidas como destruidoras tampouco destruídas pelos outros. Logo, aos poucos, passa a elaborá-las em seu espaço psíquico. Quanto aos “fantasmas agressivos e destruidores”, quando esses sentimentos arcaicos se intensificam e a criança não consegue expressar suas fantasias agressivas, ela passa a inibi-las, tornando-se angustiada e passando da fantasia ao ato.

Marcelli (1998, p. 156) aponta que as fantasias agressivas estão presentes em todas as crianças, porém deve-se compreender que existe uma diferença importante entre as “fantasias agressivas” e “fantasmas agressivos e destruidores”.

O instinto da agressividade também é caracterizado por Rivière (1975) como algo inato no homem e na maioria dos animais, pelo menos como manifestação de defesa. Qualquer pessoa normal sabe que diversos sentimentos estão sendo experimentados ou manifestados o tempo todo ao seu redor e são respon-

sáveis por grande parte da infelicidade das pessoas, já que incluem o mau humor, o egoísmo, a mesquinhez, a voracidade, a inveja e a hostilidade.

Já Fernandez (1992) compreende a agressividade como parte do impulso que está intimamente ligado ao aprender e à capacidade criativa e simbólica da criança; já a agressão, pelo contrário, acaba por dificultar e destruir o processo de pensar. A autora traz uma contribuição importante acerca da diferença de agressividade e agressão. Em relação à agressividade, ela aponta como um fator importante à aquisição da aprendizagem e que pode servir de mediatizadora, estando dentro de um nível simbólico e não sendo algo que deve ser evitado, porque é constitutivo de toda a pulsão. Quanto à agressão, esta é relacionada à atuação agressiva; não pode ser mediatizada e não está no nível simbólico, em que a criança que passa a apresentar problemas de agressão demonstra sério *deficit* em sua experiência lúdica.

3 A AGRESSIVIDADE COMO SINTOMA

A agressividade pode-se manifestar de diversas formas: contra si, contra o outro, em relação às atividades e mediante um desenho. Muito ligada a um sentimento de rejeição, sentimento este que se confirma a todo o momento na sociedade, cada vez a criança agride mais; espera que, dessa forma, ela seja vista e entendida.

A agressividade surge como sintoma que incomoda porque desafia o outro. A escola no lugar de um terceiro em relação à família é uma possibilidade de que, por meio das relações sociais, a criança adquira nova visão sobre seus sentimentos e realizações.

De modo geral, as crianças podem ficar deprimidas, tristes, desobedientes, apresentar comportamentos mais agressivos e rebeldes, insônia, pesadelos, alterações do apetite, dificuldade de concentração e perda do interesse pela vida social.

Uma causa provável da agressividade na infância é a separação de um casal, que é sempre um processo complicado em virtude das alterações no cotidiano de vida que acarreta para toda a família, mesmo quando a mudança é para melhor, sobretudo quando há presença de filhos perdidos entre inseguranças,

receios e falsas culpas. O divórcio implica todo um período de transição que pode levar meses ou anos, entretanto existe a hora em que os pais comunicam sua decisão aos filhos. Esse é um momento essencial para que a separação decorra da melhor forma possível. A sua importância, simbólica e prática, é um ponto de partida para a mudança, que deve ter sempre em vista o bem-estar das crianças.

Assim, as crianças até dois anos podem desenvolver atitudes mais medrosas e certa regressão, enquanto crianças de quatro e cinco anos podem fantasiar a separação como temporária, tal e qual quando brigam com seus amiguinhos e depois fazem as pazes. A criança de cinco e seis anos tende a se sentir culpada, como se tivesse feito ou pensado algo muito errado; por isso, os pais brigaram e vão se separar. Desenvolve, então, um sentimento de responsabilidade pela reconciliação dos pais, muitas vezes, apresentando atitudes de autopunição, como se merecesse sofrer por ter falhado.

O medo e a culpa são os principais inimigos das crianças no processo de divórcio. O medo de perder o amor dos pais e o sentimento de ser culpados da separação são emoções vulgares que urge desconstruir. É essencial que a criança entenda que o amor que o pai e a mãe lhe dedicam não vai sofrer alterações e que perceba que o divórcio é entre o casal e nunca entre os pais e os filhos. Essa é a garantia para que a separação não faça nascer emoções de insegurança, frustração, ansiedade ou raiva na criança.

Todavia, se a separação é tão nociva para a criança, a manutenção de uma relação infeliz, quando as figuras parentais apresentam hostilidade e agressão entre si, é muito mais prejudicial à saúde física e mental da criança. Presenciando essas atitudes e comportamentos dos pais, aprende que os conflitos e problemas devem ser resolvidos com agressividade e intolerância. Assim, viver apenas com um dos pais é a solução mais adequada e saudável.

Freud (1980) salienta a existência de famílias que conduzem rigidamente a criação e a educação dos filhos, fazendo com que o respeito seja obtido pela autoridade ou desprezo; a consequência inevitável é o desenvolvimento do medo e da insegurança na criança, assim como o complexo de inferioridade.

A severidade da criação exerce uma forte influência na formação do superego da criança. Na formação do superego e no surgimento da consciência os fatores constitucionais inatos e influenciáveis do ambiente real atuam de

forma combinada [...] o que se trata de uma condição etiológica universal para todos os processos desse tipo. (FREUD, 1980, p. 33).

O indivíduo que sofre do complexo de inferioridade convive desde sua infância com uma certeza mórbida de que sempre é a última a ser lembrada ou requisitada para algo especial. A consequência desse processo é o desenvolvimento de uma personalidade tímida e retraída; nas situações sociais, não sente nenhuma potência pessoal, o que gera raiva e ódio como compensações psicológicas. É como se na presença de outros se sentisse totalmente anulada, e o ódio citado vai constantemente sendo expelido.

Quando a autoestima está ferida, a agressividade é manifestada, a tolerância é curta diante da frustração; assim, a pessoa exprime uma reação, por não ter o resultado que se esperava. Isso faz questionar se é bom ou não ao sujeito exteriorizar sua agressividade.

Caso o ambiente familiar seja baseado na superproteção, a criança desenvolverá uma personalidade egoísta e narcisista. O único ponto possível de equilíbrio é a retirada absoluta do rancor de um passado para que a pessoa não descarregue ou compense algo em seus descendentes. O respeito pleno pela individualidade deve ser a meta; obviamente, sem esquecer a imperiosidade de regras de convivência e responsabilidade social.

As mães pouco afetivas significam situação de risco, o que gera predisposição a condutas agressivas. Os pais reforçam essa tendência com atitudes teatrais, histéricas, descaso, permissividade, pais com traços antissociais, conflito conjugal são fatores ambientais de estresse.

Resume-se muito à família a relação mãe e filho, quando se percebe que a coesão familiar demonstra resultados bastante positivos. Alguns estudos mostram que os meninos menos problemáticos são aqueles que têm um pai que promove a coesão familiar e uma mãe que pouco critica a postura desse pai.

Segundo Rost (2004), a agressividade faz parte da vida infantil. Elas batem umas nas outras, choram, fazem birra, tiram brinquedos dos colegas. Esses comportamentos são constantes na educação infantil. Nessa idade, as crianças começam as brincadeiras cooperativas e, em seguida, começam a conflitarem-se. A criança está em um processo de socialização para a sua entrada no mundo adulto, que exige aceitação ou rejeição social, dependendo do que ela faça ou da forma como interage.

4 A AGRESSIVIDADE COMO CONSTITUTIVA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os primeiros anos de vida da criança constituem um período muito sensível; é quando acontece o seu “despertar”. Trata-se de um tempo curto, o qual pode sofrer fortes mudanças em virtude das experiências posteriores que podem reverter as vivenciadas anteriormente.

Na formação do desenvolvimento humano, o ambiente e a hereditariedade exercem, continuamente, uma interação mútua. Com isso, a teoria piagetiana classifica o desenvolvimento infantil em quatro fases, as quais são chamadas de fases de transição: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatória (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos) e operações concretas (a partir dos 12 anos).

Segundo Piaget (1985), o paladar, a visão, o tato e o olfato e a manipulação constituem suas experiências durante os 24 meses de vida, ou seja, o uso do sistema sensorial-motor.

Pode-se perceber que nesse estágio sensório-motor as crianças aprendem a conduzir o comportamento para metas específicas. Chutar, para livrar-se dos cobertores, levar objetos à boca na tentativa de sugá-los, mexer em objetos para ouvir barulhos conduzem a descobertas que implicam determinados comportamentos com resultados definidos.

Existe ainda a capacidade de imitar respostas novas complexas e exatas, mesmo quando o modelo está ausente. Uma criança que percebe alguém tendo um acesso de mau humor pode tentar ter ataque repentino de mau humor tempos depois; no entanto, para tal reação, a criança guarda em quadro mental o momento. A imitação apresentada mostra, portanto, que as crianças começam a formar as representações simples desses acontecimentos durante seus dois primeiros anos de vida. Entretanto, a maior parte do pensamento da criança está limitada a ações durante o estágio sensório-motor.

Já as crianças na idade de dois a sete anos se direcionam fortemente pelas percepções da realidade. Mediante a manifestação de objeto concreto, elas conseguem resolver questões, embora tenham dificuldade de lidar com visões abstratas dos mesmos problemas. Nessa fase, a criança vê o mundo com sua própria visão, pois se concentra no eu, como se tudo ao seu redor lhe pertencesse e na

tentativa de resolver suas próprias situações é capaz de usar seu próprio egocentrismo para conquistar aquilo que imagina lhe ser por direito, em uma tentativa de adaptação.

Segundo Piaget (1985), o egocentrismo caracteriza o pensamento da criança nessa etapa pré-operatória. Ela tenta ver o mundo com sua própria visão. Acha difícil colocar-se no lugar das outras pessoas ou até mesmo entender que existem outras formas de se ver e compreender as pessoas como se o mundo ao seu redor lhe pertencesse e tivesse a capacidade de compreender e resolver qualquer situação; age algumas vezes como invencível super-herói.

As crianças entre 7 e 11 anos conseguem realizar operações mentais silenciosas, ou seja, conseguem usar a lógica para compreender o porquê das coisas. Elas já não apenas guardam incontestavelmente informações sensoriais simples, porque essa habilidade lhe permite uma compreensão mais abstrata das coisas. Piaget chamou essas habilidades de operações concretas, quando as crianças já usaram o raciocínio para resolver problemas com recursos de categorização e ordenação de objetos.

Essa fase do desenvolvimento infantil é de real importância à formação psicológica e ao caráter da criança. Quando bem-estruturada, contribui ao equilíbrio emocional; quando não bem-direcionada ou desestruturada, tende a causar uma série de distúrbios emocionais, o que provoca diferentes reações, entre elas, a agressividade.

Para Cardoso (1967), a psicologia coloca a agressividade como um comportamento necessário à sobrevivência humana, embora ela tenha sido vista apenas como um fator negativo ao desenvolvimento da criança. Na psicologia, a agressividade é percebida como um comportamento positivo diante da adaptação, autorrealização e satisfação do ser humano.

A agressividade faz parte da criatividade e, para Winnicott (apud FERNANDEZ, 1992, p. 175), “[...] é necessário que o adulto entenda, aceite e valorize que a criança necessita derrubar a torre de blocos de montar para que ela possa valorizar a sua própria capacidade de construir torre de blocos.”

Tudo indica que, nos casos atuais, ocorre uma falha da família no seu papel contenedor dos impulsos agressivos. A tendência antissocial, que seria normal até nos bons lares, transforma-se rapidamente em destrutividade, violência e delinquência (MAIA, 2002).

O fator psicológico central de uma pessoa agressiva é que esta possui a plena consciência de uma vida que lhe seria satisfatória; age com um tom constante de revolta pela não obtenção de seu projeto pessoal; sabe, inclusive, que a cada dia está mais distante dessa meta. O não atingir o desejo pessoal ativa uma reação descontrolada e intempestiva perante uma simples frustração, e tal hábito afasta a pessoa da solução definitiva de seu problema comportamental. Reagir perante os mais insignificantes fatos novamente é o indício da atuação marcante do complexo de inferioridade no ser humano.

De acordo com Segal (1975), a agressividade alia-se constantemente com outros sentimentos negativos. O principal deles é a inveja, em razão da possibilidade da descarga da frustração e raiva. A inveja cria uma constante necessidade de fuga da situação dolorosa de se comparar e se sentir inferiorizado, partindo-se para o ataque. Um dos objetivos da construção da personalidade é justamente tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o seu lado instintual, e isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e avidez, que somente após podem ser dominadas e convertidas em atividades sublimadas.

De acordo com Piaget (1985), a personalidade da criança forma-se até os seis anos de idade; por isso, toda experiência e sua qualidade vivida nessa fase são fundamentais. Por mais que, às vezes, possa parecer ineficaz, elogio, afeto, prazer e compreensão têm resultados muito mais rápidos e menos estressantes do que bronca, castigo, sofrimento e indiferença.

Um ponto importante quando se fala em socialização de crianças é o referente a limites que, segundo Zagury (2004, p. 1):

[...] tem muito a ver com a agressividade, crianças que não têm limites tendem a se tornar agressivas quando estes lhe são impostos. Numa relação entre pais e filhos, há sempre uma luta pelo poder. Se a criança encontra espaço para exercitar sua agressividade, ela utiliza este espaço. Daí a importância dos limites, tanto em casa como na escola.

A falta de limites pode impedir a criança de pensar, ser criativa e espontânea. Nenhuma criança nasce com noção de limites, que se desenvolve em um longo processo de identificação da criança com seus pais, inicialmente, e, depois, com os adultos que a sociedade disponibiliza como os professores.

As crianças devem receber limites, regras e ter uma rotina de vida para aprenderem a suportar frustrações. Quando mais tarde lhe é exigido, pela sociedade, um

determinado comportamento, a criança resiste, pois não está acostumada a cumprir normas e responder às exigências do meio com comportamentos agressivos.

Para Carmichael (1998, p. 447), o controle do comportamento de desenvolvimento para a criança, que deve aprender a inibir sua cólera, a discriminar entre aquelas situações, nas quais se comportar agressivamente é apropriado ou não, e a ajustar sua resposta agressiva ao grau de frustração ou provocação, ao qual ela possa estar submetida.

Em seu livro *Na Sala de Análise*, Ferro (1998) afirma que a agressividade necessita, no entanto, como toda a protoemoção da criança ser tratada mediante o campo relacional, no qual a criança vive para se tornar compatível com o mundo e com as necessidades deste; que possa ser expressa para o crescimento, sem tornar-se destrutiva para com os outros e para si.

Ferro (1998) afirma que, às vezes, esse processo fracassa e a criança tem de administrar quotas elevadíssimas e não trabalhadas de agressividade crua. Coloca em ato as mais variadas defesas que comportaram a paralisação da própria agressividade e de todo o desenvolvimento emocional.

5 ARTICULAÇÃO COMO PROCESSO EDUCACIONAL

Ao chegar à escola, cada criança leva consigo uma experiência de vida que lhe é peculiar. Algumas vêm de lares desfeitos, outras vivem sob uma constante ausência dos pais. Há aquelas também que são superprotegidas ou até vivem em liberdade total. Enfim, são inúmeras as situações vivenciadas pelas crianças que desencadeiam comportamentos mal interpretados.

A função da escola é educar que, epistemologicamente, significa “colocar para fora” o principal do indivíduo e oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento de suas potencialidades. Ao contrário de ensinar, que significa colocar signos “para dentro” do indivíduo. O ambiente escolar é uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Para Outeiral (2003), estes três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituem o tripé do processo educacional.

A escola representa um papel primordial para a criança. Conforme o ambiente oferecido e suas potencialidades, tem-se um aprendizado propício e pra-

zeroso; são ocasionados distúrbios de conduta e de aprendizagem, pois não é apenas a relação com o saber que a escola oportuniza, mas também funções socializadoras.

O início da escola implica o processo de socialização, em que a criança enfrenta uma situação nova, com novas pessoas.

Os colegas influenciam no desenvolvimento de condutas socialmente aceitáveis ou não. Observa-se que a associação com pessoas não adaptadas repercute no desenvolvimento de conduta, assim como ter amigos socialmente adaptados pode prevenir o aparecimento de condutas não adaptadas. Apesar disso, observa-se que crianças agressivas tendem a se associar com outras crianças agressivas e a repelir aquelas socialmente adaptadas. As valorações realizadas pelos companheiros de classe resultam ser bons preditores da evolução que terá o aluno.

A agressividade busca sempre um equilíbrio, a fim de ajustar-se ao convívio social, promovendo a autossatisfação e a autoafirmação naquilo que lhe é necessário para sobreviver. Pode ser percebida como um comportamento positivo diante da adaptação, autorrealização e satisfação do ser humano (CARDOSO, 1967).

A criança em idade escolar tem compreensão melhor dos problemas paternos e das razões para a separação, embora sinta-se abandonada e com raiva deles. Em muitos casos, o rendimento escolar é prejudicado e surgem problemas de comportamento em casa e na escola, ela pode tornar-se impulsiva, desrespeitando as regras familiares, ao mesmo tempo que demonstra maior dependência e ansiedade.

Por outro lado, para Winnicott (1994), é tarefa dos pais e professores cuidarem para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres do controle, ou por medo, assumirem elas próprias a autoridade.

Para Klein (1975), conhecer o ambiente onde a criança se encontra é muito importante para se compreender seu comportamento diante dos outros. Famílias com modelos de pais que assumem uma posição de permissividade e punição ou mesmo aquelas que se mostram mais hostis e intransigentes às crianças são mais inseguras e agressivas, levando para si a hostilidade do ambiente.

As diferenças de conduta entre as crianças com vínculo seguro e as crianças com vínculo inseguro reduzem-se com os anos de escolarização, sugerindo

a implicação da escola como normalizadora de condutas. Isso acontece, talvez, porque as crianças se acostumam à situação escolar e adotam um padrão de conduta similar aos demais, ou porque a escola as ensina a respeitar as normas básicas de conduta.

A agressividade é uma tendência ou conjunto de tendência que se atualizam em comportamentos reais ou fantásticas que visam prejudicar o outro, destruí-lo, humilhá-lo. A agressão não conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora, não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio) quer positivo (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizada, que possa funcionar com agressão. (LAPLANCHE; PONTALLIS, 2001, p. 196).

Para Dreyer (2004), o professor deve conhecer seu aluno, com o objetivo de saber discernir quando um comportamento agressivo é passageiro, por motivos temporários, como o nascimento de um irmãozinho, a hospitalização ou perda de um ente querido, ou ainda por mudança de casa ou escola ou se pode ser considerado como um transtorno de conduta. Nesse caso, é necessário acompanhamento de especialista para auxiliar a sanar o problema. Se não atribuir a devida importância nessa fase, essas atitudes podem evoluir de forma prejudicial à adolescência e à vida adulta, podendo transformar a criança em agente ou alvo de *Bullying*.

A conduta agressiva manifestada entre alunos recebe a designação de *Bullying*, que constitui um comportamento agressivo intencional e prejudicial por durar semanas ou anos. Define-se como a violência desenrolada em meio escolar, quer seja física, quer seja mental de um indivíduo ou grupo direcionada para alguém que não se consegue defender (DREYER, 2004; RAMIREZ, 2001).

Para Ramirez (2001), o que motiva os agressores é o desejo de intimidação e domínio aliado ao abuso de poder. De modo geral, adotam uma atitude tirânica, perseguindo e oprimindo um colega de modo repetitivo, tornando-a sua vida habitual. Esse fenômeno pode assumir diversas formas: verbal (insultos, alcunhas, ameaças), física (roubar, danificar objetos, ataques físicos) e indireta (exclusão social, divulgar rumores pejorativos).

Uma criança que morde o amiguinho ou colega de escola até dois anos de idade não pode ser rotulada como agressiva. Ela ainda não sabe usar a linguagem verbal e a linguagem corporal acaba sendo mais eficiente. A criança nessa fase é

egocêntrica e acredita que o mundo funciona e existe em função dela. Uma das primeiras maneiras de relacionamento é a disputa por objetos ou pela atenção de alguém querido – como a mãe, o pai ou o professor.

A intenção da criança, ao morder ou empurrar, é obter o mais rápido possível aquele objeto de desejo, já que não consegue verbalizar com fluência. Essa fase de disputa é natural e quanto menos ansiedade for gerada, mais rápida e tranquilamente será transposta. É claro que o adulto não deve apenas assumir a postura de observador, e sim interferir quando necessário. Contudo, não deve supervalorizar a agressão, pois as crianças ainda não conseguem entender que estão machucando.

Muitas crianças recebem apelidos relacionados a aspectos físicos e desempenho, como gordo, vara pau, zarolho, burro, chato, entre outros. Aqui, o papel do professor é essencial ao identificar e trabalhar com esses aspectos para evitar que se repitam. Se o professor cria um ambiente com atividades prazerosas durante todo o período de aula, a probabilidade de que comportamentos agressivos surjam é muito menor.

A agressividade só deve ser tratada como um desvio de conduta quando ela aparecer por um longo período de tempo e, também, se não houver fatos transitórios que possam causar comportamentos agressivos.

Segundo Cardoso (1967), a criança que nasce dotada de um elevado potencial agressivo precisa ser atendida de forma especial, no processo educacional, de modo que essa força seja transformada energicamente, a fim de facilitar a adaptação social.

É importante que o professor estimule as crianças menores a utilizarem brinquedos que tenham partes para ser manipuladas, retiradas, colocadas, desmontadas, a fim de que a criança desenvolva sua capacidade de destruir para construir, objetivando seu amadurecimento cognitivo.

6 CONCLUSÃO

Se for analisar, trata-se, hoje, a infância como no século XII, período em que a criança poderia “se virar” sozinha no mundo. Dessa forma, a criança recebe obrigações, trazendo consequências sérias à sua constituição. Falham, aqui,

as funções parentais de *holding*, de limites intransponíveis, seja da mãe em estabelecer um ambiente suficientemente bom a essa criança para que ela possa descobrir o meio; seja um ambiente indestrutível, estabelecido pelo pai e pelo seu lugar como aquele que sustenta a mãe e limita a relação dessa criança. Sem essas funções exercidas de forma suficientemente boa, a criança acaba por perder seus referenciais identificatórios.

O lugar da infância na contemporaneidade é o espaço onde a criança não pode ser “criança”. É como se imputasse à criança obrigações e valores muito cedo e, com isso, viver-se-ia uma diluição da infância como um espaço social que foi adquirido ao longo de alguns séculos.

A criança é a caricatura da felicidade impossível dos adultos. Essa afirmação de Vilhena (2002) evidencia a desconstrução de um espaço, o da infância e o do ser criança. Acredita-se que uma das consequências mais gritantes dessa nova configuração familiar seja a questão do abandono e da falha da função materna primária e da paterna, no sentido de os adultos abdicarem seu lugar.

Segundo Mielnik (1982, p. 148), a agressividade infantil é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, utilização de toda paciência e boa vontade e compreensão mais profunda da criança.

Segundo Winnicott (1994), o estudo da agressividade deve inserir-se em uma teoria do processo de maturação do ser humano, teoria que leve em conta a história do impulso agressivo e da provisão ambiental. Para o autor, ser agressivo é não aceitar aquilo que lhe é imposto. É reagir às situações, as quais se está submetido.

Sabe-se que o universo escolar trabalha com a diversidade e dar conta da individualidade de cada aluno. No entanto, se o educador não tiver essa visão de multiplicidade de comportamento e necessidades de diversas maneiras de atuar e constante reciclagem dos atos e pensamento, o trabalho parece impossível à medida que se trabalha com seres humanos. Muitas dessas ações são pertinentes a especialistas, como psicólogos e orientadores educacionais. Portanto, caso o professor possa ter uma visão diferenciada do problema, tem-se uma atitude em que a transferência entre professor e aluno possa ser lembrada como algo que acontece com frequência, uma vez que muitos sentimentos estão implicados nessa relação como em qualquer outra relação. Tal percepção, tal atitude poderá trazer resultados à medida que se encontre um ponto de entendimento.

O universo conceitual da agressividade é amplo e vasto, possui contribuições de diversas concepções teóricas, como já referido. Todavia, essa diversidade levanta uma questão: considerando a agressividade como algo inato, será possível prevenir esses comportamentos?

Para Freud (1980), o acolhimento parece um bom caminho para se chegar às crianças agressivas e entender o que elas demandam, à família ou à escola, mas que lhe é particular e há relação com todos que a cercam.

Criar regras elaboradas em conjunto também é uma ferramenta eficiente. Quando as próprias crianças criam as regras, elas ganham significado maior e têm grande impacto nas ações. Deve-se, sobremaneira, trabalhar valores morais éticos, como solidariedade, compartilhamento, cooperação, amizade, reciprocidade, entre outros.

Paciência, dedicação e confiança é a tríplice potência para se formar algo de valor na criança agressiva. Para isso, pais e professores devem ter consciência da sua relação com a criança, pois assim trará um desenvolvimento íntegro e prazeroso.

Segundo Fernandez (1992), não é possível dar receitas prontas, dizendo o que fazer diante das crianças que cometem atos agressivos, pois isso seria um ato agressivo para com os professores. Entretanto, Fernandez (1992) dispõe uma lista de contrarreceitas, que são: possibilitar um espaço de aprendizagem e dirigir a agressividade ao desafio por conhecer e ao contato com a pulsão de domínio do objeto de conhecimento. Mesmo que o professor tenha conseguido atingir esses dois pontos, pode ser que ainda assim apareçam atos agressivos. Para isso, haveria outras contrarreceitas:

- a) buscar no aluno a agressividade necessária para que possa estender sua possibilidade construtiva;
- b) perguntar-se diante de cada ato agressivo: por que me incomoda essa agressão?
- c) incluir-se em um espaço simbólico, o que seria se perguntar a quem ou a que agride essa criança, quando comete um ato agressivo;
- d) falar a sós com o agredido, primeiro, sem identificar-se com ele;
- e) falar com o grupo sobre o ato agressivo, deixando que ele seja seu cúmplice em relação a assinalar como negativo esse ato agressivo;

- f) perceber que cada criança que comete atos agressivos é diferente de outra;
- g) impedir que os alunos se machuquem, quando a atuação agressiva já está em ação.

Todavia, qualquer que seja a posição assumida por pais e professores, a mudança é possível e concretizável. Mesmo os autores inatistas assumem que é possível haver alguma capacidade de controle sobre as pulsões agressivas da criança. Para isso, basta que os responsáveis tenham consciência da problemática e vontade de ajudar a criança agressiva no seu desenvolvimento biopsicossocial.

Infance aggressive: analysis psychoanalytic

Abstract

This work aims to investigate how aggressive child has been understood from the perspective Psychological. Thanks in the methodology of the research literature, notes that aggressive children may be manifested in different stages of development of the child and in various ways. The work deals with concepts of aggressiveness to the authors psicanalíticos, the symptom as aggressiveness, the aggressiveness as constitutive of child development and its linkage with the educational environment. Being aggressive is often not accept what it is being imposed. The host seems a good way to get aggressive children to understand what they are demanding, the family or the school, but it is private and has a relationship with all the surround. It is also important that parents and teachers see the aggression as something positive in the development of the child, so that it can be processed and used in children, in the construction of knowledge.

Keywords: Aggression. Childhood. Symptom. Development.

Nota explicativa

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação em Psicologia do Centro Universitário Franciscano.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, O. B. **Visão geral dos problemas da adolescência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1967.

CARMICHAEL, Leonard. **Psicologia da Criança**. São Paulo: EPU, 1998.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa**: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DREYER, D. **A brincadeira que não tem graça**. 2004. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2007.

FERNANDEZ, Alicia. A Agressividade, qual teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, E. P.; BORDIN, J. (Org.). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FERRO, Antonio. **Na sala de análise**: emoções, relatos, transformações. São Paulo: Imago, 1998.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1980.

KLEIN, M. **Amor, ódio e separação**: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico. Tradução Maria Helena Senise. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. USP, 1975.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. 3. ed. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAIA, M. V. C. M. **Um rio sem discurso**: relato de um psicodiagnóstico. Brasília, DF: Cepapsi, 2002.

MARCELLI, D. **Manual de Psicopatologia da Infância de Ajuriaguerra**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MIELNIK, Isaac. **O comportamento infantil**: técnicas e métodos para entender crianças. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1982.

OUTEIRAL, José. **O mal estar da escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

RAMIREZ, F. C. **Condutas agressivas na idade escolar**. Amadora: McGraw Hill, 2001.

RIVIÈRE, J. Ódio, voracidade e agressividade. Tradução M. H. Senise. In: KLEIN, M.; RIVIÈRE, J. **Amor, ódio e reparação** – as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico. São Paulo: EDUSP, 1975.

ROST, Maria Elisabette L. C. **A agressividade no cotidiano escolar**, 2004. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em: 30 set. 2007.

SEGAL, H. **Introdução à Obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VILHENA, J. de. **A Arquitetura da violência**: reflexões acerca da violência e do poder na cultura. Cadernos de Psicanálise, 2002.

VILHENA, Junia de; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2002.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Agressão e suas raízes** – raízes da agressão. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

_____. **Da Pediatria à Psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Privação e delinquência**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAGURY, Tânia. **Revista Eletrônica Nova Escola**, 2004. Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2007.

Recebido em 5 de agosto de 2009

Aceito em 13 de agosto de 2009